



## Editorial

*“Cobras-cegas são notívagas.  
O orangotango é profundamente solitário.  
Macacos também preferem o isolamento.  
Certas árvores só frutificam de 25 em 25 anos.  
Andorinhas copulam no voo.  
O mundo não é o que pensamos.”*  
(Carlos Drummond de Andrade, “História Natural”, Corpo 1984)

Ao comemorar trinta anos de fundação, nesta edição especial, a Revista Aurora aborda alguns temas que representam as linhas de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, entre os quais a questão do corpo, da Fenomenologia e os desafios da política, além de uma entrevista e resenha.

O presente número abre-se com o artigo “Corpo e psiquismo: sobre antinomia da experiência na obra de Freud”, de Eduardo Ribeiro da Fonseca. O Autor registra que “por mais que Freud fale do corpo como um ‘*Organismus*’ e que essa consideração de corpo biológico seja sempre recorrente desde as primeiras elaborações dos anos 1880 e 90, ela é também bastante problemática do ponto de vista filosófico. Nesse contexto, o mundo é, ao mesmo tempo, uma coisa perene da qual o *organismo finito* participa e algo que só adquire sentido para uma consciência perceptiva individual, que estabelece relações entres as coisas e se distingue a partir da distinção gradual entre a sua própria existência e a de um mundo exterior, dada principalmente a partir das sensações corporais”, segundo Freud. Contudo, o propósito do artigo é discutir

tal contexto e desdobrá-lo em dois outros “contextos diferentes, de acordo com uma perspectiva schopenhaueriana.” Compondo a discussão, o artigo seguinte, intitula-se “El cuerpo y el Otro en Merleau-Ponty y Lévinas”, de Leonardo Verano Gamboa, o qual intenta mostrar que tanto “la filosofía de Merleau-Ponty y de Lévinas, la vida del cuerpo (*Leib*) adquiere un rol decisivo en el reconocimiento de la alteridade del Otro”. Assim, “en la figura de la *carne* (chair) y del *rostro* (visage) Merleau-Ponty y Lévinas, respectivamente, encuentran la manera de hablar de una ‘dimensión profunda’ del Otro y de nosotros mismos, irreductible a cualquier intento de objetivación”. Porquanto, “la ‘carne’, como el tejido sensible que nos ata al mundo, es carne del cuerpo del otro, la ‘expresión’ *misma* de su ser sensible, así como el ‘rostro’ del otro, su exterioridad, es la ‘expresión *misma* de su alteridad”.

Na sequência, o presente número da *Aurora* traz o artigo “Leo Strauss, Carl Schmitt y la naturaleza de la política”, de Daniel Mansuy, que “busca explicar la crítica formulada por Leo Strauss a la influyente obra de Carl Schmitt, *El concepto de lo político*, y el modo en que ella puede dar cuenta del desarrollo posterior del pensamiento straussiano”. Assim, “se investiga el fundamento de la crítica schmittiana al liberalismo, poniendo especial énfasis en su relación con Thomas Hobbes”. De modo a esclarecer porque “la crítica de Schmitt al pensamiento liberal es insuficiente.” Em seguida, o ensaio “Trabalho, ócio, preguiça: *cumpre imaginar Sísifo feliz!*”, de Antonio Valverde, explora, — desde o mote dado por Albert Camus —, aspectos do trabalho humano, fundando-se em contribuições teóricas e remissões à Literatura, de modo a ressaltar a “heresia firmada contra o trabalho, na linha do elogio crítico e do ataque às suas apologias mais renitentes”. No mesmo passo, em que “analisa os nexos entre trabalho, ócio e preguiça” desde seus limites éticos e políticos, sob o horizonte histórico-filosófico do problema, demarcado por Marcuse. Ainda no bloco de textos de filosofia política, o artigo “La política como resistencia en Michel Foucault”, de Marcelo Raffin, intenciona retratar o tema desde “algunas de las herramientas conceptuales elaboradas por el filósofo con el fin de que la vida pueda constituirse en sujeto de su propia existencia”. Para tanto, “se procede, en primer

término, a un análisis de la cuestión general de la política en el pensamiento foucaultiano, tomando como referencia las definiciones dadas por el filósofo a partir de los años 1970 [...] y se propone distinguir, a partir de estas definiciones y de los trabajos producidos sobre esta problemática, dos sentidos fuertes de la política en sus ideas: un ligado al paradigma de la gubernamentalidad y la biopolítica y otro a la resistencia”.

Em seguida, o artigo “Fenomenología de lo inaparente: la inapariencia como cuarto estrato de análisis fenomenológico”, de Hernán G. Inverso, registra que “Husserl diseñó dispositivos diversos para dar cuenta de distintos aspectos de la fenomenicidad. Las diferencias han llevado a ensayar interpretaciones evolutivas en términos de etapas, que modifican substancialmente ciertos desarrollos con implicancias de sustituciones importantes”. Dada tal constatação, o artigo intenciona mostrar “algunos rasgos de las transformaciones que Husserl fue introduciendo dentro del dispositivo general”. Porém, “atendiendo a una lógica que sostiene las conexiones y pone en diálogo los distintos mecanismos de investigación fenomenológica”. Depois, o artigo “Un nuevo mundo: Ética del sacrificio y fenomenología asubjetiva. Jan Patočka”, de Eric Pommier, que cuida da “fundamentación ontológica de la ética de Patočka gracias a la cual se puede pensar la posibilidad de un cosmopolitismo”. E por esta, plantear “el problema del cosmopolitismo, que nos remite al problema del aparecer de la ética en un mundo dominado por la técnica”. Assim, “esta preocupación por la fenomenalización de la ética conduce a una tematización del sacrificio que nos hace enfrentar una aporía”. E mais o artigo “Notas sobre a voluntariedade das ações a partir de Wittgenstein”, de Mirian Donat, que traça considerações acerca desde as observações da filosofia tardia do Filósofo Austríaco. Tais considerações “passarão por três momentos: primeiro, [...] a crítica de Wittgenstein aos modelos causais de explicação da ação voluntária”; segundo, “a partir da compreensão da voluntariedade enquanto expressão de regras gramaticais, pode-se compreender que (ela) ‘caracteriza’ as ações,” aproximando-a da “discussão acerca da visão de aspectos” e, terceiro, mostrar o “papel e o

---

lugar do sujeito e da perspectiva de primeira pessoa para a correta compreensão da ação voluntária”.

Às margens a presente edição, lê-se a vívida entrevista do psicanalista Luiz Eduardo Prado de Oliveira, cedida a Francisco Verardi Bocca, Eduardo Ribeiro da Fonseca e Vinicius Armiliato. Fica-se sabendo que a “psiquiatria sai da filosofia” vez que “ela sai de um ramo da filosofia onde os filósofos se interessavam demais pelo corpo, pelo que acontecia com o corpo”.

O número da *Aurora* encerra-se com a resenha do livro de Ivan Domingues, *Filosofia no Brasil: legados & perspectivas*. Ensaios metafísicos. São Paulo: Unesp, 2017, assinada por Marcelo Perine.

Se o *mundo não é o que pensamos*, por certo, o futuro também não será mais o que fora de algum modo projetado.

- À boa leitura!

**Prof. Dr. Léo Peruzzo Júnior**  
**Prof. Dr. Jelson R. Oliveira**  
**Prof. Dr. Antonio R. Valverde**  
**Editores**